

# O CASO DAS COMPLETIVAS

Rodrigues e Silvestre (2017) analisaram 331 postagens coletadas do *Facebook* de julho a dezembro de 2016 e, nesse *corpus*, identificaram 221 completivas, 95 circunstanciais e 15 relativas desgarradas. A análise desse *corpus* visava a comprovar a hipótese de que as completivas podiam se materializar de forma desgarrada, mesmo que não estivessem em sequenciação parafrástica, reiterando ou repetindo estruturas sintáticas que ocorreram antes na cadeia discursiva, assumindo-se, portanto, análise distinta em relação à de Decat (1999, 2011).

As autoras confirmaram que, no que se refere à língua escrita, o ponto é o principal índice do fenômeno e, conforme vimos em Cunha e Cintra (1989, p. 632), com o isolamento pela pontuação de orações que comporiam um período composto, o falante não só modifica a estrutura sintática do período como também seu sentido. A nova oração criada por ele ganha mais realce, e isto não se verifica no uso convencional dos sinais de pontuação.

Tendo em vista que há casos em que a estrutura desgarrada é usada e identificada tão somente pela situação comunicativa/interativa e um grande número deles em que as cláusulas são identificadas pelo contexto, independentemente do gênero textual em que se inserem, as autoras utilizaram em sua análise de dados

de língua escrita uma distinção entre contexto e cotexto, adaptando as ideias de Travaglia (1996), Dahlet (2006) e Bybee (2010).

Segundo Bybee (2010 p. 96), os significados desenvolvidos para uso na língua são sempre situados no contexto, que é determinado social e cognitivamente. Sendo assim, nossa experiência do mundo físico e nossas relações sociais não são uniformes nem planas. O contexto, fator extralinguístico, remete, então, ao conjunto de circunstâncias no meio das quais ocorre uma enunciação (escrita ou oral); já o cotexto refere-se estritamente ao material linguístico (cf. DAHLET, 2006, p. 103-107).

Assim, refinando a análise de Rodrigues e Silvestre (2017), Rodrigues (2019) investigou um *corpus* que se compõe de 389<sup>1</sup> postagens do *Facebook* recolhidas no período de março a agosto de 2019 de sua própria *timeline*. Nestas postagens, identificaram-se tanto as cláusulas desgarradas quanto as não desgarradas, diferentemente do que fora feito em Rodrigues e Silvestre (2017).

Após a coleta e análise de cada postagem, chegou-se a um total de 410<sup>2</sup> cláusulas desgarradas e 54 não desgarradas em um total de 464 cláusulas analisadas. Dentre as desgarradas, 42 são circunstanciais, 22 relativas e 346 completivas. No caso das não desgarradas, 30 são circunstanciais, 6 são relativas e 18 são completivas. Estes resultados confirmaram que, assim como aconteceu em Rodrigues e Silvestre (2017), as completivas desgarradas são as mais frequentes nesta amostra.

Para a análise e codificação dos dados do *corpus* antes discriminado, os seguintes aspectos foram observados:

## 1. Natureza da cláusula

- a – hipotática circunstancial *desgarrada*
- r – hipotática relativa apositiva *desgarrada*
- c – completiva *desgarrada*
- s – completiva não *desgarrada*

---

<sup>1</sup> Foram coletadas 598 postagens, destas foram descartadas 209 em uma análise preliminar, porque não eram casos de desgarramento, restando, portanto, 389. Os casos desconsiderados são frases exclamativas, que se encerram por ponto de exclamação.

<sup>2</sup> Cumpre esclarecer que o número de cláusulas não coincide com o número de postagens, tendo em vista que em uma mesma postagem pode haver mais de uma desgarrada ou não.

f – hipotática circunstancial não *desgarrada*

h – hipotática relativa apositiva não *desgarrada*

## 2. Noção semântico-pragmática expressa pela *desgarrada* e pela não *desgarrada*

p – adendo

v – avaliação

d – causalidade/condição/consequência

t – temporalidade

o – concessividade/oposição/contraste

e – elaboração

r – realce

g – exortação/desejo/vontade

p – fim, propósito, objetivo

## 3. Tipo de *desgarrada*

i – inerentemente pragmática

x – cotextual

z – contextual

s – não há *desgarrada*

## 4. Conector que introduz a *desgarrada* e a não *desgarrada*

b – conjunção subordinativa

p – pronome relativo

g – conjunção integrante

s – não há conector

q – SN + pronome relativo

m – demonstrativo + QUE

2 – preposição

## 5. Organização formal do conector da cláusula

a – Que + SN + subjuntivo

f – Porque

g – SN + que

e – E que

i – .Que + Adv + subjuntivo

f – Que + SV + SN

u – SV + que / Que + SV

o – Onde

j – Pron + que

w – O(s) que / Aquele(s) que

t – que

l – cuja

u – Cuja

3 – quando

z – porque quando

n – quem

y – enquanto

l – pra

4 – para

5 – se

6 – e quando

7 – para que

- 8 – antes que
- 9 – ainda bem que
- x – mesmo quando
- m – que nem
- h – não há conector

## 6. Estrutura em que se encontra a cláusula *desgarrada* e a não *desgarrada*

- s – simples
- j – correlata
- l – coordenada
- h – hipotática
- e – enumerada
- q – subordinada

## 7. Sinal de pontuação empregado antes da cláusula *desgarrada* e da não *desgarrada*

- n – não há
- p – ponto final
- m – exclamação
- d – dois pontos
- r – reticências
- v – vírgula

## 8. Modo verbal usado na cláusula *desgarrada* e na não *desgarrada*

- u – subjuntivo
- i – indicativo
- f – infinitivo

## 9. Verbo empregado antes da cláusula *desgarrada* e da não *desgarrada*

t – não expresso

v – verbo expresso / toda uma cláusula núcleo expressa antes

r – recuperável no contexto (antes ou depois da cláusula)

s – não há verbo, mas SN

## 10. Forma da cláusula *desgarrada* e da não *desgarrada*

x – desenvolvida

z – reduzida

## 11. Gênero textual da postagem

a – autoajuda

c – cartão

o – oração

p – propaganda

r – reflexão/pensamento

m – *meme*

## 12. Ordem dos constituintes na cláusula *desgarrada* e na não *desgarrada*

d – SVO (ordem direta)

i – OVS (ordem inversa)

v – VO (não há sujeito expresso)

h – pron. pessoal + pron. rel. + SV

s – Pron. rel. + SN + SV

e – SN + pron. rel + SV

f – pron. rel. + pron. + SV

### 13. Conector e informação

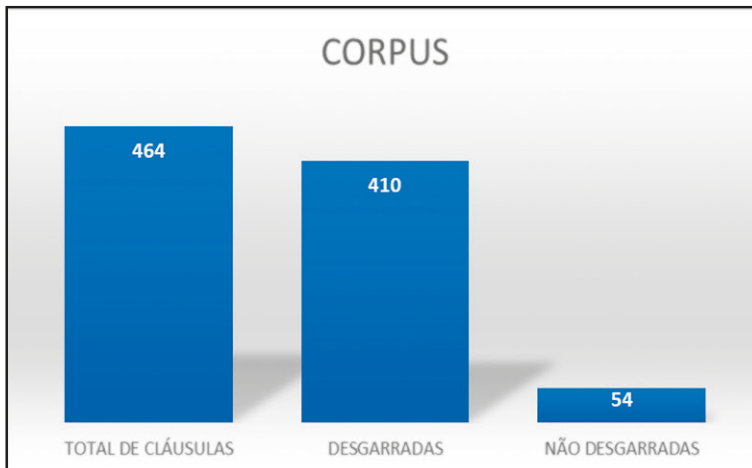
- s – o conector pode ser retirado da cláusula sem prejuízo para a informação
- n – o conector não pode ser retirado da cláusula sem prejuízo para a informação
- v – o conector não foi empregado na cláusula

Os parâmetros elencados anteriormente para codificação dos dados durante a análise foram indicados por letras e números, a fim de facilitar não só a descrição do comportamento das estruturas como também para permitir a contagem e visualização dos aspectos que se mostrassem mais recorrentes em cada uma delas. As letras maiúsculas usadas na codificação marcam, na maioria das vezes, o caso das estruturas que se seguem a uma pontuação terminativa.

Apresentamos a seguir o resultado geral da análise das postagens que integram o *corpus*, usando os parâmetros antes elencados para evidenciar a frequência das cláusulas circunstanciais, das relativas apositivas e das completivas não desgarradas e desgarradas.

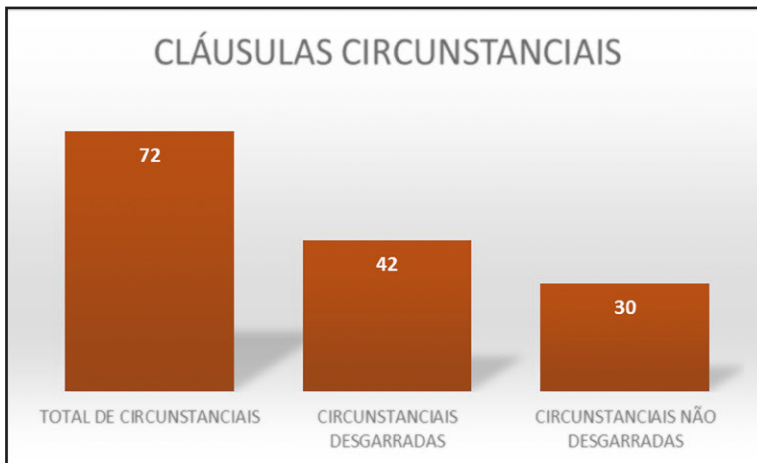
O gráfico 1 a seguir elucida a frequência de ocorrência (*token*) das desgarradas, confirmando o que Rodrigues e Silvestre (2017) já haviam encontrado:

Gráfico 1 - distribuição das cláusulas no *corpus*



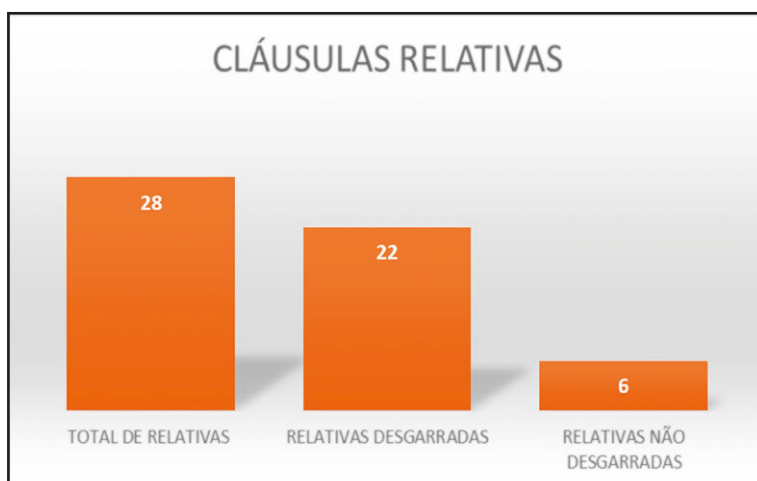
Com base no total geral das cláusulas desgarradas (410) e o comparando com o gráfico 2 em seguida, nota-se que a frequência de ocorrência das desgarradas circunstanciais não foi significativa nesse *corpus* – apenas 42 casos.

Gráfico 2 - distribuição das circunstanciais no *corpus*



O mesmo comportamento no que tange à frequência *token* observa-se em relação às relativas desgarradas, com 22 ocorrências, conforme mostra o gráfico 3 a seguir:

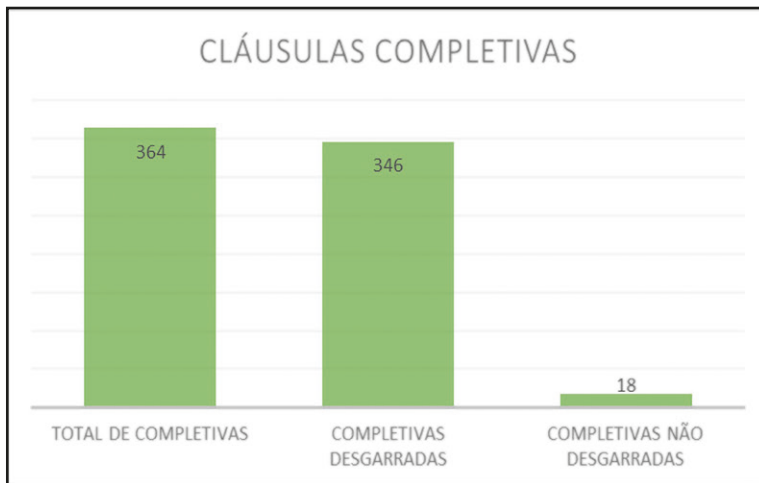
Gráfico 3 - distribuição das relativas no *corpus*





Ao se observar o caso das completivas desgarradas, nota-se o extremo oposto se comparado aos casos das circunstanciais e das relativas, anteriormente mostrados, ou seja, a alta frequência de ocorrência (346) ilustrada pelo gráfico 4 a seguir:

Gráfico 4 - distribuição das completivas no *corpus*



No caso das completivas desgarradas, além da alta frequência *token*, alguns aspectos chamaram a atenção. Conforme já acontecera em Rodrigues e Silvestre (2017), foi categórico<sup>3</sup> o uso do conector *que* como introdutor dessas estruturas, bem como a relação semântico-pragmática expressa por elas – exortação, desejo, vontade. Reforça isso o uso do modo verbal subjuntivo, além da forma desenvolvida das cláusulas.

Assim, pode-se representar a completiva desgarrada pelo formato Que + SN + subjuntivo nas 346 ocorrências.

Portanto, segundo as análises empreendidas por Rodrigues (2019), defendemos a existência de completivas desgarradas e não desgarradas, relativas apositivas desgarradas e não desgarradas e circunstanciais desgarradas e não desgarradas. Além disso, propomos, depois das investigações elucidadas, com base em *corpora* diversos, a recategorização do fenômeno em desgarramento inerentemente pragmático, desgarramento contextual e desgarramento cotextual.

<sup>3</sup> Por comportamento categórico entende-se os casos de parâmetros que são empregados na maioria dos dados e/ou em todos eles.

